



# I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

## TRABALHANDO A LITERATURA EM BRAILLE

Adriana Moreira de Souza Corrêa  
Professora de Libras CFP – UFCG  
adriana.korrea@gmail.com

Rian Vieira de Melo Carneiro Pontes  
Transcritor Braille CFP– UFCG  
rianvieira\_18@hotmail.com

**Palavras-chave:** Inclusão. Literatura. Pessoa Cega.

### INTRODUÇÃO

Na atual política educacional, voltada para a educação inclusiva a sensibilização do professor para realizar atividades de ensino-aprendizagem considerando a diversidade humana expressa nos sentidos utilizado para a comunicação com o outro e para a apreensão do conhecimento, devem ser incentivadas. Nesta perspectiva, o trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência de formação de monitores e professores para conhecer usar materiais e estratégias que favoreçam a inserção da pessoa cega. Para isso, utilizamos a literatura com audiodescrição e os vídeo-livros para apresentar adaptações que priorize os sentidos da audição e tato, bem como possam sensibilizar os demais alunos de modo que estes favoreçam a participação do aluno cego nas demais atividades propostas em classe. Nos baseamos nas obras de Sá, Campos e Silva (2007) e Peres, Marinheiro e Moura (2012) para realizar as discussões. Iniciativas como esta apresentam noções de trabalho com este aluno, envolvendo toda a turma, contribuindo para a constituição de uma escola mais inclusiva.

### 1 A EDUCAÇÃO DA PESSOA CEGA NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

No mundo visiocêntrico, caracterizado por uma infinidade de estímulos visuais que nos rodeiam, a pessoa cega precisa de estratégias diferenciadas para desenvolver a autonomia utilizando-se, para isso dos sentidos remanescentes. Isto se deve ao fato de que “A cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que



# I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente” (Sá, Campos e Silva, 2007, p.15).

Diante disso, o docente que atua em classes inclusivas com pessoas cegas, precisa conhecer as diferentes adaptações que devem ser observadas no processo ensino aprendizagem para favorecer o acesso destes alunos aos conteúdos explicitados na atividade pedagógica. Para orientar o docente, o Núcleo de Apoio a Acessibilidade da Universidade de Guarulhos - UNG – NAAUNG desenvolveu, uma cartilha na qual explicita os principais pontos que o docente precisa observar a fim de promover uma situação de aprendizagem para o aluno cego.

De acordo com o documento, ao interagir ou ensinar um conteúdo à pessoa cega, devemos lembrar que as palavras e os sons podem ter pouco sentido, pois a nossa comunicação é complementada por elementos não-verbais que apresentam-se indisponíveis para a percepção da pessoa cega. Segundo o mesmo documento, “a representação de um objeto ou conceito deve ser explicada e descrita verbalmente para poder ser compreendida e internalizada” (UNG, 2017). Essa afirmação é corroborada por Sá, Campos e Silva (2007, p. 15) ao asseverarem que “Sem a visão, os outros sentidos passam a receber a informação de forma intermitente, fugidia e fragmentária.” Por esta razão apresentar estratégias para os monitores e para os docentes é relevante, à medida que possibilita a ação efetiva desses educadores diante dos recursos utilizados pelas pessoas cegas no processo de apreensão e compreensão dos conteúdos e do mundo que os cerca.

Esta ideia é apresentada em outros documentos, como dispõe as orientações reunidas na Cartilha de Orientação sobre o Aluno Deficiente Visual, ao ressaltar que “o professor deve conhecer os recursos usados pelo aluno e conscientizar-se de sua utilidade e relevância” (UNG, 2017, p. 10) E acrescenta que o educador também pode realizar um trabalho com os demais alunos da turma a fim de desenvolver hábitos e atitudes de cooperação diante deste aluno, incentivando o respeito à diversidade humana.

Por esta razão, a experiência vivenciada objetiva apresentar recursos e estratégias que favorecessem a interação e o aprendizado do aluno cego na escola regular, tendo como elemento de sensibilização e como mediador da aprendizagem os contos de fadas e o Código



# I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

Braille. Este código se refere à um sistema de escrita em relevo formado por 63 sinais constituídos pela combinação de seis pontos, estando estes divididos em duas colunas. Através deste código, a pessoa cega pode realizar atividades de leitura e escrita.

## 2 LITERATURA COMO MEDIADORA NA AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO

Para a realização dessa oficina selecionamos duas histórias: Os três porquinhos e o filhote do Bidu. Ao passo que a primeira se refere a um vídeo (disponível no *site YouTube.com*, que apresenta audiodescrição, o segundo se trata de um audiolivro disponibilizado em CD pela Fundação DorinaNowill para cegos.

A escolha pela literatura infantil se deve ao fato de que esta prática se relaciona diretamente ao conceito de infância à medida que ambas surgiram apenas nos séculos XVII e XVIII, quando a burguesia passou a diferenciar esta etapa do desenvolvimento da fase adulta. Através dela, é possível ensinar valores e outros conhecimentos pois, ao utilizar um vocabulário acessível, diverte, ensina e transmite experiências de vida (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012).

Através do uso de obras da literatura, buscamos apresentar as dificuldades de acesso aos conteúdos vivenciadas pelas pessoas cegas. Nesta perspectiva, após a revisão bibliográfica, seleção de materiais e atividades a serem utilizadas, propomos as seguintes atividades: uma roda de conversas para identificar o conhecimento que os participantes têm da pessoa cega; discussões das diferenças entre a percepção do mundo pela pessoa cega e pela pessoa com baixa visão; apresentação de um audiolivro e os programas leitores de tela para discutirmos as dificuldades para a compreensão das informações tratadas no livro e desenvolvermos propostas de atividades de sensibilização para efetivar a parceria entre a escola e a família, tendo como base a temática tratada na história; com audiodescrição e dinâmicas de reconto utilizando vendas, fantoches e jogos com Braille para compreensão da estrutura da narrativa através da oralidade e, por fim, realizamos atividades em Braille sobre a história.



# I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a educação inclusiva significa descobrir novas formas de ensinar, aprender e se relacionar, desenvolvendo no outro, habilidades de comunicação que não são priorizadas no cotidiano. Desta forma, a formação de professores baseando-se em atividades que podem ser replicadas no ambiente escolar é fundamental para a organização de um ambiente escolar mais acolhedor e capaz de ensinar a todos, valorizando as suas formas de interagir com o outro e de construir o conhecimento. Neste sentido, oficinas e cursos de pequena duração contribuem para demonstrar que é possível realizar adaptações simples, sendo que muitas destas são de baixo custo e que contribuem para a compreensão dos conceitos e habilidades que se deseja desenvolver.

Precisamos divulgar estas ações que tem como objetivo proporcionar a reflexão sobre as habilidades para trabalhar com a pessoa cega nas escolas, utilizando-se de recursos e estratégias diferenciadas podemos contribuir para o aprendizado de todos os alunos, desenvolvendo sentidos como o tato e a concentração por meio da audição, tais como: o código Braille, os programas de leitura de texto como os leitores de tela e a audiodescrição. Compreendemos assim que a formação de docentes que se comprometem com a educação destes alunos é primordial para que eles se sintam aceitos, desenvolvam uma autoestima positiva à medida que se sentem integrados ao grupo e com as suas necessidades diferenciadas respeitadas.

## REFERÊNCIAS

PERES, F. C.; MARINHEIRO, E. L.; MOURA, S. M. A literatura infantil na formação da identidade da criança. **Prodocência**: Revista Eletrônica das Licenciaturas – UEL. Edição nº.1, vol. 1, jan-jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

SÁ, E. D.; CAMPOS, I. M.; SILVA, M. B. C. **Inclusão Escolar de Alunos cegos e com baixa visão**. In. Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.



# I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

UNG. **Cartilha de Orientação sobre o aluno deficiente visual.** Disponível em: <  
<http://www6.ung.br/arquivo/extensao/naaung/pdf/cartilha-de-orientacao-sobre-o-deficiente-visual.pdf>>. Acesso em: 12 de julho de 2017.